

A fraqueza de Maluf ameaça Tancredo?

Há militares que acham que sim. E estão aconselhando o candidato a ampliar seus contatos na oficialidade, para neutralizar atitudes hostis.

Tancredo Neves já foi avisado: está na hora de começar a se mexer, ampliando seus contatos na área militar, para enfrentar a etapa mais difícil de sua campanha — as próximas três semanas — e fazer frente aos efeitos da fragilidade da candidatura Maluf. Ele precisa estar alerta para uma tese que voltou a circular em alguns meios: a da prorrogação do mandato do presidente Figueiredo por seis meses.

A recomendação foi feita a dois de seus principais assessores por militares apolíticos, mas simpáticos à sua candidatura, que avaliaram o quadro depois do virtual fracasso do plano avalizado pelos ministros militares para reforço da candidatura do PDS.

Essas avaliações indicam que dentro de três semanas, aproximadamente, ficará evidenciado de maneira inofismável o malogro da candidatura do PDS. Nem mesmo o triunfalismo de Maluf será capaz de sustentar sua candidatura.

Quando isso acontecer, as pressões militares se voltarão contra Paulo Maluf, e dois caminhos se abrirão: ou renuncia ou rompe com o governo, assumindo o ônus de lutar sozinho até 15 de janeiro.

Em qualquer das duas hipóteses, a tentativa de "intervenção" deverá ser feita utilizando-se a justificativa da não-regulamentação do Colégio Eleitoral. Para a prorrogação de seis meses usar-se-á o argumento de que o vazio de autoridade será um risco inaceitável na conjuntura difícil por que passa o País. E o que virá depois desses seis meses ainda é uma incógnita: as alternativas podem ser desde a escolha de um novo candidato para o PDS até a adoção das diretas.

Os contatos

A análise do grupo militar que não deseja nem a prorrogação do mandato de Figueiredo nem a saída de Maluf da disputa — por entender que para Tancredo Neves chegar a 15 de janeiro incólume significa receber a faixa presidencial — sugere que o candidato da Aliança não limite seus contatos ao ex-presidente Ernesto Geisel, não obstante sua razoável influência no Alto Comando do Exército.

A recomendação é que Tancredo torne



seu pensamento político e institucional mais conhecido na área militar, aprofundando-o, e removendo desta forma desconfiças ainda não inteiramente superadas. O grupo já preparou e forneceu aos assessores do candidato uma relação de generais e oficiais superiores, atualmente na reserva, que Tancredo Neves deve procurar para trocar idéias e ter seus pontos de vista repassados a todos os segmentos da oficialidade.

Os oficiais em questão, em sua maioria, atingiram os mais altos postos da carreira militar e não assumiram postura dissidente em relação ao governo, sendo portanto interlocutores de grande influência. Segundo a estratégia oferecida ao candidato, dando aos militares atenção compatível à capacidade de intervenção no processo político que continuam a deter, conseguirá no míni-

mo desestimular ações hostis à sua candidatura.

A renúncia

Não só esses militares estão preocupados com a possibilidade de renúncia de Paulo Maluf à sua candidatura: ninguém parece suplantá-la a apreensão dos integrantes da Frente Liberal.

— O Maluf não pode renunciar. Agora ele precisa ficar — reivindicou o deputado Ângelo Magalhães (PDS-BA).

O também liberal Thomaz Nonô (PDS-AL) chegou a apelar a Maluf para que não renuncie, considerando que se o candidato do PDS fizer isso estará liquidado: "Apesar de todas as evidências de sua derrota no Colégio Eleitoral, Maluf deve manter a sua candidatura até 15 de janeiro, para ver se consegue ser nomeado síndico da massa

falida do PDS. Se ele se retirar antecipadamente, desaparecerá do cenário político, e essa não pode ser sua intenção".

Nonô procurou ser convincente: "Se ficar, mesmo sabendo que será derrotado, ainda terá a chance de liderar o que sobrar do PDS e se preparar para outra".

Malufistas como Calim Eid, o presidente do PDS, Augusto Franco, e o senador João Lobo (PDS-PI) negam a hipótese com veemência. Mas o deputado Oscar Alves (PDS-PR) está em dúvida:

— O quadro está definido. Mas em política não há jamais nem *toujours*.

O presidente do PDS, porém, acha que seu candidato "não é muito de renúncia. É de vitória".

— No dicionário de Paulo Maluf não existe a palavra renúncia — bradou Calim

Eid. — Tenho pelo senador Carlos Chiarelli (do PDS gaúcho, que vem pedindo a renúncia do candidato) a maior consideração e torço para que vingue sua tese do parlamentarismo. O que não aceito é que alguém queira subir nas costas dos outros. Renunciar por que, se o Maluf é o vencedor? E não adianta vir com o "já ganhou" que conosco não pega. Já demos exemplo disso em São Paulo e na convenção do PDS.

João Lobo fez coro: "Não vai ter renúncia coisa nenhuma. Maluf já ganhou".

Segundo a análise de políticos tancredistas e malufistas, a renúncia do candidato do PDS não interessa a nenhuma dessas correntes. Convém apenas aos setores do PDS que não querem ligar-se a Paulo Maluf e não têm mais espaço para negociar sua adesão a Tancredo Neves, já que nada mais podem oferecer. São os ex-andreezistas, como Carlos Chiarelli, que nessa hipótese acabariam trabalhando com as forças desativadas dos antigos esquemas de repressão, contrários à plenitude democrática.

Festa do choro

Hoje, o deputado Paulo Maluf dará um passo que considerou dos mais importantes para sua candidatura: a festa de instalação de seu comitê de campanha, no auditório Nereu Ramos, do Senado. Nessa reunião, contudo, poderá definir-se o rompimento tácito entre o governo e seu candidato, tantas e tais serão as reclamações que se previa ontem por parte dos malufistas contra os ministros de Estado.

Segundo nosso comentarista político Carlos Chagas, Maluf promoverá uma espécie de "assembléia nacional do choro", num reconhecimento público do malogro.

Para demonstrar sua irritação com o que julgam apatia e desinteresse do ministério em obter mais votos para o candidato, os malufistas estão dispostos a dirigir suas acusações não só ao ministro Leitão de Abreu — que dizem trabalhar contra Maluf — mas principalmente ao ministro Rubem Ludwig, do Gabinete Militar. Serão aqui-nhoados também os ministros Mário Andrezza, Esther de Figueiredo Ferraz e talvez até Delfim Neto — de uns dias para cá apontado como não fazendo o que poderia ou deveria fazer.